



Comunicação Social

ARTIGOS

idade







Michel de Certeau e mídia: táticas subvertendo lugares ou lugares organizando táticas?

Michel de Certeau and media:
tactics subverting places
or places organizing tactics?

Michel de Certeau y medios de comunicación:
¿tácticas subvirtiendo lugares
o lugares organizando tácticas?



FABIO B. JOSGRILBERG



Mestre em Estudos da Mídia pela Concordia University, de Montreal/Canadá, é assessor de comunicação do Instituto Metodista Bennett, no Rio de Janeiro, e professor da disciplina Informática na Educação, no curso de graduação de Ciência da Computação das Faculdades Integradas Bennett. E-mail: fabio@bennett.br.

13





JOSGRILBERG, Fábio B. Michel de Certeau e mídia: táticas subvertendo lugares ou lugares organizando táticas? *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 23, n. 37, p. 13-24, 1o. sem. 2002.

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar algumas reflexões acerca do pensamento de Michel de Certeau e sua possível relevância para os estudos da mídia. Dá-se ênfase à correlação entre os usos da linguagem e o par estratégia/tática. Com base nessa correlação, propõe-se evitar a dicotomização das concepções de “lugar” e “espaço” e salientar a dinâmica envolvendo essas noções.

Palavras-chave: Michel de Certeau – Mídia – Recepção.

Abstract

This article aims at offering some remarks about Michel de Certeau's ideas and their possible application in the field of Media Studies. Special attention is paid to the correlation between the uses of language and the pair strategy/tactics. Bearing such a correlation in mind, the text attempts to avoid the dichotomization between the notions of “place” and “space” in order to highlight the dynamic involving them.

Keywords: Michel de Certeau – Media – Reception.

Resumen

Este artículo se propone a presentar algunas reflexiones acerca del pensamiento de Michel de Certeau y su posible pertinencia para los estudios de los medios de comunicación. Se pone énfasis en la correlación entre los usos del lenguaje y el par estrategia/táctica. Basado en esa correlación, se propone evitar la posible dicotomía de las concepciones de “lugar” y “espacio” y subrayar la dinámica que involucra esas nociones.

Palabras-dave: Michel de Certeau – Medios de comunicación – Recepción.





De Certeau dedicou boa parte de sua vida acadêmica a tentar descrever uma possível antidisciplina em relação às estruturas da sociedade tidas como disciplinadoras – aquelas estruturas responsáveis, pelo menos em parte, pela formação de determinados comportamentos ou percepções da realidade. O objetivo do autor não foi negar a influência de instituições como a igreja, família, escola ou mídia na formação de grupos sociais, mas chamar a atenção, principalmente de pesquisadores da cultura, para um movimento criativo e produtivo entre aqueles que acadêmicos e administradores (públicos e privados) julgam estar passivamente condenados.

No entanto, de Certeau não apresenta uma receita para revolução. Quando discute a noção de tática¹, o autor descreve uma “subversão comum e silenciosa” que não está relacionada a uma revolta local (1990, p. 293). Por que, então, teorizar uma antidisciplina que não entra em conflito direto com as estruturas disciplinadoras? Será que os movimentos táticos realmente alteram alguma coisa? Como observa Frow, as táticas não acabam sendo recapturadas pelos discursos hegemônicos (1991, p. 9)? Elas não são reconstruídas dentro do meu discurso acadêmico? Para polemizar ainda mais, se as táticas não têm espaço próprio e não

1. O autor define “táticas” como uma série de procedimentos que usam as referências de um lugar próprio (de Certeau 1990, p. 64). Os movimentos táticos transformam o lugar próprio em espaços dinâmicos (lugar praticado). Já os procedimentos que controlam o lugar são definidos como “estratégias” (de Certeau 1990, p. 59).



conseguem manter o que elas conquistam (de Certeau, 1990, p. XLVI), não seria o caso de questionar essa categoria que não leva aquele em desvantagem a um lugar melhor (Morris, 1990, p. 36)? Por último, não seriam pertinentes as observações feitas por Morris e Silverstone que criticam Certeau por trabalhar com polaridades, dicotomias (táticas versus estratégias, espaços versus lugares), o que não corresponderia às diversas dinâmicas sociais (Morris, 1990, p. 37; Silverstone, 1994, p. 160)?

Com todas essas críticas, de Certeau é um bom referencial teórico para analisar processos comunicacionais, principalmente a possível antidisdisciplina no ato de recepção? A meu ver, sim. No entanto, a leitura que faço depende fundamentalmente da concepção de linguagem apresentada pelo autor e de uma análise dos pares espaços/lugares e táticas/estratégias baseada nesse entendimento.

Linguagem: espaço de limites e possibilidades

A antidisdisciplina descrita por de Certeau acontece na e pela linguagem. “Na”, porque a linguagem organizada precede a existência do sujeito. “Pela”, porque no ato enunciativo toma-se posse da linguagem a partir de referências e condições que atualizam a linguagem organizada. Os principais referenciais teóricos de Certeau em suas análises da cultura deixam clara a importância da linguagem em seu pensamento. São eles: a psicanálise, Ludwig Wittgenstein e os místicos medievais.² Entre essas referências também ocupa lugar de destaque a teoria da enunciação proposta por Emile Benveniste.

A análise das noções de estratégia e tática é dependente do entendimento que de Certeau tem da linguagem e de como ela é utilizada. Aqui, a noção de linguagem ordinária, que o autor busca em Wittgenstein, torna-se fundamental. Para Wittgenstein, o significado de uma palavra é determinado pelo seu uso em diferentes jogos de linguagem (1997, p. 7 e 43). Esse tipo de análise apresenta uma dissociação entre o uso da linguagem e poder. Os significados passam a ser contingentes por não dependerem de um referente fixo, objetos externos ou imagens mentais fixas. Não se trata de uma liberdade total onde cada

2. Conforme de Certeau explica, a mística está relacionada a um tratamento da linguagem (1982, p. 29).





um pode ter sua linguagem – o problema da linguagem privada. A linguagem é pública e dependente de interações sociais.

Para de Certeau, a linguagem ordinária é o lugar comum para movimentos estratégicos e táticos (1990, p. 13). Assim sendo, as narrativas disciplinadoras passam a ser vulneráveis, já que o significado está ligado ao uso que o receptor faz da linguagem. É a partir desse pressuposto que se deve entender a famosa metáfora do indivíduo, talvez um administrador público, um urbanista ou um pesquisador, sentado no topo do World Trade Center, em Nova York, e a dinâmica dos transeuntes ao nível da rua (de Certeau, 1990, p. 139). A cidade é o lugar-comum. Como cada um a entende ou a utiliza depende de situações contingentes. O fato de estar no topo de um edifício não invalida a sua posição. Ela é uma entre outras. O estar no topo (panoticismo), no entanto, pode não ser a melhor posição para descrever a dinâmica social da cidade, embora possa representar a posição mais poderosa. O problema surge quando outros usos da cidade são ignorados. Pode-se até tentar impor uma determinada percepção, o planejamento dos urbanistas, por exemplo, mas as ações previstas dentro daquele espaço controlado não serão repetidas mecanicamente no ato performativo (uso) de andar pela cidade. De Certeau, quando apresenta essa metáfora, está preocupado justamente em chamar a atenção para os transeuntes – a análise sobre o indivíduo no topo do prédio ele deixa para Michel Foucault.

Ao refletir sobre a antidisciplina e os movimentos táticos dos transeuntes ao nível da rua, de Certeau busca na retórica e em Benveniste as noções de figuras de linguagem e de enunciação, respectivamente, para descrever a apropriação (uso) do lugar-comum. Assim como discute as maneiras de usar a linguagem ordinária, de Certeau apresenta uma “retórica do andar”, descrevendo um “estilo” equivalente a um “tratamento singular do simbólico” (1990, p. 150/151). Para o autor, as figuras de linguagem da retórica e a teoria da enunciação podem ser de grande utilidade para a descrição das “maneiras de fazer” quotidianas (1990, p. 56, 63).³

3. Quanto à correlação entre enunciação ou figuras de linguagem e táticas, parece-me que de Certeau não se atém suficientemente à figura do interlocutor em sua análise. É no interlocutor, talvez, que esteja um elemento fundamental para entender a validade de um movimento tático, conforme defendo em *Retelling Michel de Certeau* (Concordia University, 2000).



Na analogia enunciação/táticas, ou figuras de linguagem/táticas, é fundamental entender que a enunciação (*énonciation*) não está dissociada do enunciado (*énoncé*), assim como *langue* e *parole* devem ser pensadas juntas ou como as figuras de linguagem da retórica pressupõem um língua organizada para serem exercidas. Se, por um lado, a língua “vigiada por uma gramática” (de Certeau, 1990, p. 64) é um fator limitante no uso que fazemos dela, por outro, ela nos garante a fundação para as figuras de linguagem. Da mesma forma, as diversas narrativas produzidas por estruturas disciplinadoras ou práticas quotidianas garantem a base, o *fâs místico* (de Certeau, 1990, p. 183/184), para diferentes táticas e estratégias – aprendemos a falar utilizando a linguagem criada por outros.

A correlação táticas/enunciação se dá a partir das seguintes características do ato enunciativo: 1) a linguagem em uso; 2) a apropriação da linguagem pelo locutor; 3) a determinação de um interlocutor, real ou fictício, e o estabelecimento de um contrato; e 4) a definição de um presente marcado por um “eu” que fala (de Certeau, 1990, p. 56). Dessa forma, o autor fundamenta suas idéias em uma noção de linguagem que é dependente da interação social, de um interlocutor com o qual se estabelece um contrato, a validação do significado. Não há, porém, referentes fixos. O significado depende do uso e é determinado por situações contingentes. A enunciação, no entanto, pressupõe a existência de uma linguagem organizada. No ato de enunciação, no uso da língua, nas figuras de linguagem, essa organização é atualizada. O ato enunciativo é, portanto, estruturado e estruturante. Resta, então, analisar como o autor utiliza esse referencial teórico para pensar a dinâmica entre táticas e estratégias, espaços e lugares.

Lugares e espaços

Assim como *énoncé/énonciation* e *langue/parole* não devem ser pensados separadamente, as noções de “lugar” – espaço próprio (de Certeau, 1990, p. 172-173) – e “espaço” – o lugar praticado (de Certeau, 1990, p. 173) – fazem parte de um mesmo processo. Não é por acaso que o autor apresenta uma interessante correspondência de vocabulário:

Espaço □ □ Lugar praticado

Lugar □ □ □ Espaço próprio





Embora a utilização da linguagem implique uma relação agonística entre diferentes significados, uma relação polemológica (de Certeau, 1990, p. 32), a dinâmica espaço/lugar não deve ser reduzida a uma situação A versus B. Um pressupõe o outro. Ambos fazem parte de um mesmo problema: a dinâmica implícita na organização de significados dada a ausência de significados universais. A construção de lugares através de estratégias é integrante dessa tentativa de organização que pode ser enganosa quando passa a ter um status de verdade e não de verossimilhança. De Certeau nunca quis livrar-se de lugares, e nem pode. Alguma forma de organização espacial (referências) sempre será necessária (1993, p. 17).

Assim como o ato estratégico organiza o espaço próprio (lugar), o movimento tático também tem a mesma ambição. A diferença entre um e outro não está nos objetivos, mas no status de cada um. Um como o outro visa a organização espacial (de Certeau, 1990, p. 180). Ambos implicam tratamentos criativos do lugar-comum (a linguagem ordinária). As ferramentas são as mesmas: metáfora, elipses, metonímias etc. Diferem apenas no fato de o ato estratégico assumir uma posição de aparente equilíbrio em função da manipulação de relações de força, de uma configuração de posições a partir da eliminação do fator tempo e desconsideração dos movimentos em um determinado espaço (ib., p. 172/173).⁴ Há uma circularidade no processo de organização espacial posto em prática por estratégias e táticas. Através da apropriação da linguagem, espaços são transformados em lugares e vice-versa (ib., p. 174).

Se espaços e lugares forem pensados como partes integrantes de um mesmo problema (a dinâmica social) e os movimentos táticos entendidos com estruturados e estruturantes, o argumento de que de Certeau polariza as relações sociais (Morris, Silverstone) é injustificado. Sobre a possibilidade de os movimentos táticos serem recapturados pelos discursos hegemônicos (Frow), é necessário deixar claro que isso muitas vezes ocorre. Porém, esses mesmos discursos servirão de base para novas intervenções táticas. Não se trata de uma percepção ingênua do problema. Não quero negar a forma como discursos hegemônicos interferem na

4. A escrita é, para de Certeau, o modo principal da busca da estabilidade na sociedade ocidental. Uma prática que possui um caráter mítico (1990, p. 198).



percepção da realidade. Somente não posso aceitar uma repetição mecânica de tais discursos, dado o funcionamento da linguagem e como ela é utilizada. Até mesmo Foucault chama a atenção de seus leitores para os “saberes subjugados”, ao indicar que silêncio do outro pode ser indicativo não do medo que inspiramos nele, mas de uma falha no nosso próprio discurso científico (1980, p. 84). Vale lembrar ainda que existe uma diferença entre “poder não falar” e “não poder falar” (Lyotard, 1983, p. 26). Ao serem recapturados por discursos hegemônicos, movimentos táticos não cessam sua atividade produtiva e criativa. A coincidência entre tais discurso e táticas é apenas geográfica, como observa de Certeau em relação à mídia (de Certeau & Giard, 1983, p. 21), e não em relação aos saberes e atividades. Haverá sempre um “outro” assombrando tanto os discursos hegemônicos, no caso as táticas, quanto os movimentos táticos, no caso os discursos hegemônicos.

De Certeau e a mídia

Conforme a leitura da obra de Michel de Certeau proposta aqui, “espaços” e “lugares, “táticas” e “estratégias” fazem parte de um mesmo problema: a tentativa de organização social dada a ausência de referentes universais (La Parole). De que forma, então, esse referencial teórico pode ser útil para a análise dos processos midiáticos? Mais diretamente do que em *L'invention du quotidien*, 1. *Arts de faire* (1990), onde observações sobre a mídia aparecem apenas marginalmente, em *L'ordinaire de la communication* (de Certeau & Giard, 1983), estudo desenvolvido a pedido do governo francês em conjunto com Luce Giard e outros pesquisadores, de Certeau apresenta de forma mais clara suas posições sobre os processo midiáticos. A percepção do autor pode ser resumida no texto que segue: “Na miséria de situações de penúria, o ordinário da comunicação tira proveito da presença da mídia” (de Certeau & Giard, 1983, p. 11). Ou seja, sua posição é, antes de mais nada, otimista em relação à utilização da mídia, não só na forma de instituições e as mensagens veiculadas por elas, mas também em sua análise da tecnologia.

De Certeau é otimista, não ingênuo. Não se trata de uma percepção populista, onde tudo o que é produzido pela mídia é consumido de forma criativa e livre pelos receptores (1990, p. 254). Esse tipo de análise





é um dos problemas apresentados por algumas trabalhos que utilizam as idéias de de Certeau para pensar a antidisciplina dos consumidores. Ironicamente, o otimismo exagerado é, em parte, fruto da mesma divisão espaço/lugar apresentada por alguns críticos do autor. Entre os otimistas, o texto *Popular forces and the culture of everyday life* (1988), de John Fiske, é exemplar do que estou questionando. Segundo esse autor, táticas podem utilizar o sistema sem, necessariamente, confrontá-lo e, ainda, movimentos táticos nunca são derrotados (p. 298). Ele descreve essa situação como uma mudança do escrito para o oral, do enunciado para a enunciação, da *langue* para a *parole* (p. 301). As divisões *parole/langue*, enunciação/enunciado, escrito/oral e, por correlação, lugar/espaço, não correspondem, a meu ver, à proposta de de Certeau. *Parole* e *langue* não são dissociáveis, assim como a enunciação pressupõe o enunciado e, hoje, o oral está ligado ao escrito (de Certeau, 1990, p. 196). Ao que parece, os críticos de de Certeau estão preocupados apenas com o enunciado, enquanto os muito otimistas com a enunciação, sendo que a questão é a tensão entre a “gramática que controla” e a enunciação que a atualiza, um fenômeno pressupondo o outro.

No caso da televisão, por exemplo, até que ponto ela é formadora de opinião e até onde ela depende da opinião para produzir seus programas? Uma análise inspirada em Foucault poderia identificar de que forma a televisão se insere dentro do aparato disciplinador e como ela se adapta constantemente ao “corpo” dos telespectadores para que o exercício do poder não se torne artificial. Embora essa análise seja extremamente válida, ela nos dirá pouco sobre o que os telespectadores estão fazendo com o que é produzido pela televisão. Como foi observado acima, a coincidência entre o que é produzido e a recepção/utilização é apenas geográfica. São fenômenos que pertencem a problemáticas diferentes (de Certeau & Giard, 1983, p. 21). Enquanto a produção televisiva é fortemente baseada em textos controlados através de edições, teleprompters, scripts etc., as relações sociais cotidianas são fortemente orientadas por relações orais.

A produção televisiva faz parte do lugar (espaço controlado) no qual o receptor está inserido. É dentro desse lugar que o receptor atua (lugar praticado), obedecendo a temporalidades – no texto, o fator tem-



po é eliminado – e narrativas diferentes oriundas das relações orais que, como de Certeau observa, alimentam a memória cultural que permitirá novas interrogações semânticas (1990, p. 244). A produção televisiva compõe o lugar, mas o movimento tático atualiza o significado dessa produção. Essa atualização será validada ou não por interlocutores estabelecidos pelo ato enunciativo (o movimento tático). Independentemente dos efeitos produzidos pelo movimento tático, existe uma dissociação entre o uso da linguagem e poder. Muitas vezes, a concordância ocorre em relação ao referente e não ao significado (uso). Isso não indica de modo algum que a atividade de recepção seja livre. O movimento tático tem como base o lugar estabelecido. Ainda que ocorra a atualização, ela estará em tensão com o lugar.

Tanto a produção televisiva controlada, quanto as atualizações no momento de recepção, são classificadas por de Certeau como histórias (récits). Da forma como o autor as define, histórias pressupõem uma credibilidade e possuem valor de “sintaxe espacial” (1990, p. 170). Essas histórias são contadas e recontadas, ou seja, são constantemente atualizadas a cada ato enunciativo (estratégico ou tático). No caso da vida urbana, de Certeau poeticamente define a cidade como uma “guerra de histórias” (de Certeau & Giard, 1983, p. 52). São as histórias que tornam a cidade crível (ib.). No entanto, o autor atenta para o fato de as “grandes histórias” esmagarem as “pequenas histórias” (ib.). O grande risco é um enunciador passar a ser um Enunciador Universal e ignorar os diversos enunciadores em jogo.

A antidisciplina descrita por de Certeau, no caso da produção televisiva, aponta para uma tensão entre produção e recepção que se assemelha à “tensão essencial”, à “dialética no coração da realidade social”, descrita por Silverstone em *Television, technology and everyday life* (1994), embora este seja um crítico da aparente dicotomização das relações sociais apresentadas por de Certeau (Silverstone, 1994, p. 160). A dicotomização identificada por Silverstone parece ser causada por uma leitura específica das noções de espaço e lugar que apresenta simplesmente uma posição A versus B.

É interessante notar também que de Certeau não é tão cético em relação às próprias mensagens produzidas pela mídia. No caso específico





da televisão, o autor observa que, se por um lado ela entrega a domicílio um “enciclopedismo mágico”, disponível e sem mistérios, onde muitas vezes não se aprende nada, por outro ela oferece um referencial simbólico comum (de Certeau & Giard, 1983, p. 38). Assim sendo, as mensagens televisivas “fazem falar” e circular histórias que num processo de atualização constante contribuem para a tensão social.

Para finalizar, se as idéias propostas por de Certeau podem ser úteis para os estudos interessados no processo de recepção, é necessário evitar a armadilha de encarar a dinâmica social em termos de espaço versus lugar. Acredito ser um melhor caminho tentar entender de que forma enunciação, oralidade, memória e histórias se articulam dentro do pensamento do autor para, então, analisar a dinâmica entre espaços e lugares.

Referências bibliográficas

DE CERTEAU, Michel. *L'invention du quotidien. 1. Arts de faire.* 1980 Paris: Gallimard, 1990.

_____. *La culture au pluriel.* 1987. Paris : Seuil, 1993.

_____. *La fable mystique 1. XVIe-XVIIe siècle.* 1982. Paris: Gallimard, 1987.

DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce. *L'ordinaire de la communication.* Paris: Dalloz, 1983.

FISKE, John. *Popular forces and the culture of everyday life.* *Southern Review.* Adelaide: University of Adelaide, a. 21, n. 3, p. 288-306, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: naissance de la prison.* Paris: Gallimard 1975.

_____. *Two lectures.* In: GORDON, C. (Ed.). *Power and knowledge.* New York: Pantheon Books, 1980.

FROW, John. *Michel de Certeau and the practice of representation.* *Cultural Studies.* London: Methuen / Routledge, a. 5, n.1, p. 52-60, 1991.

LYOTARD, Jean-François. *Le différend.* Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.

MORRIS, M. *Banality in cultural studies.* In: MELLENCAMP, P. (Ed.). *Logics of television: essays in cultural criticism.* Indianapolis: Indiana University Press, 1990. p. 14-43.



SILVERSTONE, R. Television, technology and everyday life. In: Television and everyday life. New York: Routledge, 1994. p. X-XI; 119-122; 159-177.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Philosophical investigations. Tradução de G.E.M. Anscombe. 1953. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

